

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM NO LIVRO III DO “ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO” DE LOCKE E A VIRADA LINGUÍSTICA DE FREGE

GABRIEL CRUZ^{1,2*}, VANDERLÉIA PEDROTTI³, NEWTON MARQUES PERON^{2,4}

RESUMO: O pensamento filosófico do século XX foi diretamente influenciado pelo que chamamos de “virada linguística”. Essa expressão é utilizada nos debates entre os filósofos do século XX, especialmente os anglo-americanos, para demonstrar como a linguagem passa a ocupar um papel preeminente na filosofia a partir deste século. Para compreender como esse movimento se inicia, é importante compreender quais são os principais autores da filosofia da linguagem daquele momento e quais suas contribuições para essa mudança linguística. Um dos principais autores, e que será abordado neste projeto, é o filósofo John Locke, juntamente com Gottlob Frege e, posteriormente, Ludwig Wittgenstein. Ao buscar o entendimento da virada linguística, é necessário apresentar as diferenças fundamentais entre as noções de significado desses três filósofos anteriormente citados. Por fim, será traçada uma linha comparativa entre essas diferentes teorias e as implicações de cada uma para a filosofia da linguagem.

1 INTRODUÇÃO

A virada linguística inicia-se com o filósofo Gottlob Frege ao desenvolver sua teoria sobre a linguagem. Frege tinha como ponto de partida as teorias de Locke, um dos grandes nomes dos estudos sobre linguagem na filosofia do século XVII. A fim de investigar com mais ênfase a virada linguística, faz-se necessário compreender, inicialmente, quais as contribuições de Locke para a filosofia da linguagem.

No capítulo I do livro III do *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, Locke demonstra que a finalidade da linguagem é representar as ideias que estão na mente do falante, por meio de representações que pode-se chamar de “signos”. Estes signos podem ser os signos de

1 Graduando no curso de Licenciatura em Filosofia, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, *campus Chapecó*, contato: cruzgabriel.2403@gmail.com.

2 Grupo de Pesquisa:

3 Graduada no curso de Licenciatura em Filosofia, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, *campus Chapecó*,

4 Doutor em Filosofia pela, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, **Orientador**.

ideias, ou signos gerais, que as pessoas usam para se referir àquilo que está em seus pensamentos ao se comunicar com um ouvinte. Nas palavras de Locke: “*os homens usam palavras como marcas para recordar os próprios pensamentos, em prol da memória, e para mostrar suas ideias à vista de outros*” (LOCKE, 1689). Os signos de ideias, como já demonstrado, refere-se àquilo que o falante quer expressar, e os signos gerais referem-se às ideias gerais estabelecidas na comunicação. Para que o ouvinte compreenda as ideias do falante, contudo, tanto o falante quanto o ouvinte precisam possuir a mesma ideia das palavras que estão usando para sua comunicação. Essas ideias é o que entende-se por **significado** na filosofia de Locke.

Desta forma, o significado está relacionado ao que cada pessoa compreende sobre os signos, e esses signos referem-se, de modo indireto, a realidade das coisas, dado que Locke compreende que as pessoas ao fazerem uso de signos para expressar suas ideias, o fazem tendo como base coisas reais, e não imaginativas, pois o falante, quando se comunica com o ouvinte, espera que este compreenda aquilo que está sendo dito, e isso só pode acontecer se os signos representarem coisas reais, e não apenas aquilo que está na mente do falante, como por exemplo, a imaginação. O significado em Locke refere-se, portanto, ao que cada pessoa compreende dos signos utilizados na comunicação, neste caso, o significado é subjetivo.

Frege, por sua vez, apresenta em seu artigo chamado *Sobre o Sentido e a Referência* uma abordagem mais analítica e menos mentalista, como a forma que Locke abordara. Para Frege, não é verdade que toda palavra designa diretamente uma ideia na mente de quem a usa, pois assim não teríamos acesso de modo algum a “Ideia” que Locke imaginou motivar. Cada um tendo a sua, ela se finda em sua intenção particular de Ideia e a comunicação torna-se algo aberto apenas às interpretações pessoais.

O que há de realmente novo em Frege é sua noção de Sentido e Referência. Sendo o sentido o modo como nos dirigimos às coisas, e a referência são as coisas em si mesmas. Aqui, Frege reparte sua noção de significado em duas dimensões, isto é, a do sentido e a da referência. Vejamos, por meio de signos linguísticos arranjados de uma maneira tal, podemos compreender ou apresentar um modo de se dirigir a uma determinada referência (ou importância). Este modo de se dirigir (o sentido) compreende os conceitos em que o falante está habituado, é um produto das interpretações e lembranças que o falante possui. Contudo, o que ele transmite é suficientemente compatível com as regras e referências de uma

determinada língua. Aqui, o significado está mais associado aos conceitos que podem vir a ser transmitidos, e não tanto à uma Ideia subjetiva, mas sim através do modo como as palavras podem estar dispostas nas sentenças, nas frases, textos e expressões em seus aspectos mais semânticos.

Apesar das divergências quanto à noção do que a linguagem procura comunicar e como ela faz isso, Locke e Frege não discordam que nossa linguagem tem a finalidade de comunicar, de transferir algum pensamento ou conceito de algo. Os dois pensadores tomam esta noção como base de suas respectivas filosofias. Porém, há outros filósofos que não aceitam tão facilmente esta premissa, como é o caso de Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*. Wittgenstein traz à tona uma certa concepção de linguagem por meio da citação de Santo Agostinho, que toma as palavras como todas elas tendo um significado, todas nomeando um determinado objeto (objeto físico ou objeto de pensamento) com a única e exclusiva finalidade de comunicar. O autor rejeita essa tese, em seu modo fragmentado de pensamentos filosóficos, ele introduz a concepção de jogo de linguagem, de ensino ostensivo de palavras que só fazem sentido quando correspondem a determinados usos, determinados momentos levando em consideração o falante e o ouvinte. Trazendo o debate para o uso mais cotidiano da linguagem ordinária, Wittgenstein trata sobre o significado através da citação de Agostinho, podendo ser encontrado em diversas partes da seção 01 até a seção 90 de seu livro *Investigações Filosóficas*.

O trabalho em questão busca compreender a noção de significado nos autores anteriormente citados, isto é, em John Locke, Gottlob Frege e Ludwig Wittgenstein. Será abordado o modo que podemos identificar o giro linguístico levando em consideração a noção comum de linguagem da modernidade. E, por fim, quais os pontos de divergência de Locke e Frege e como Wittgenstein não concorda com o ponto basilar que os dois autores consentiram.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Compreender as diferenças entre as filosofias de Locke, Frege e Wittgenstein, no que tange às noções de significado, a fim de identificar as implicações dessas teorias para a virada linguística.

2.2 ESPECÍFICOS

- Compreender a noção lockeana de ideia e o papel que ela ocupa em sua filosofia da linguagem.;
- Compreender a noção fregeana de sentido e referência e como se relacionam na filosofia da linguagem;
- Compreender de que modo Wittgenstein interpreta a função da linguagem na vida cotidiana.

3 METODOLOGIA

A metodologia se divide em leitura e interpretação dos textos referentes para cada autor e a partir disso, o desenvolvimento dos objetivos desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado deste projeto seguiu-se o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Vanderléia Pedrotti, onde ela irá abordar, entre outras coisas, as questões que envolvem a filosofia da linguagem de Wittgenstein.

Também foi criado um Grupo de Estudos, inicialmente sobre Locke e Wittgenstein e posteriormente somente sobre Wittgenstein, fazendo parte deste grupo de estudantes da graduação interessados pelo tema.

5 CONCLUSÃO

A virada linguística nos dá uma nova forma de encarar a linguagem. Apresenta, para aqueles que a imaginavam no campo mentalista, uma realidade mais sólida, mais coerente com o falar da linguagem humana. Em seu sentido investigativo, mostra-se mais palpável não só nas questões concernentes à aritmética (como inicialmente foi promulgada) mas também no uso diário, e é no dia a dia que, por vezes, caímos em desacordos, em más interpretações.

Ademais, Wittgenstein se propõe a tratar a linguagem com os pés mais firmes no chão, colocando em xeque as questões que Locke e Frege discutiam. Nesse sentido, identificar a noção de significado nestes três autores é de extrema relevância para o contexto que a filosofia da linguagem habitou. Certo é que Locke representa uma visão mais comum, simples e até mais costumeira para os padrões de investigação de sua época. Portanto, o significado

não pode ser algo apenas no campo mentalista, mas deve ser no campo semântico como em Frege. Aqui encontramos mais precisão para a investigação em consonância com as críticas que Wittgenstein tece a respeito da noção de significado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**; Seleção e tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: EDUSP, 2009.

LOCKE, J. **Ensaio Sobre o Entendimento Humano**; tradução e notas de Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo. Martins Fontes, 2012.

MORRIS, M. **Uma Introdução à Filosofia da Linguagem**; tradução e notas de Newton Marques Peron. Em elaboração.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**; Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo. Abril Cultural. 1979.

Palavras-chave: virada linguística; Frege; Locke; Wittgenstein.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2020-0134.

Financiamento: UFFS.